

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

139

INSCRIÇÕES 574-577



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

2016

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



574 a 577

NOVAS INSCRIÇÕES FUNERÁRIAS DA TORRE VELHA
DE CASTRO DE AVELÃS, BRAGANÇA
(*Civitas Zoelarum, Conventus Asturum, Hispania Citerior*)

A importância da Torre Velha de Castro de Avelãs no contexto da *civitas Zoelarum*, nomeadamente o seu eventual estatuto de *caput civitatis*, tem sido bastante discutida¹. No decurso de trabalhos de escavação realizados na Torre Velha em 2012 foram identificados uma ara e um fragmento de estela dupla (n.ºs 574 e 575) em reaproveitamento de uma sepultura (sep. 18/[UE.49]) integrada em necrópole de cronologia alti-medieval (séc. VI/VII-X/XI). Reaproveitaram-se na cobertura de lajes associadas a covacho de formato rectangular, contornado na sua totalidade por lajes de xisto, configurando caixa. Estavam colocadas de forma transversal, com inscrição voltada para baixo. Estas peças encontram-se, actualmente [2016], depositadas nas instalações da Câmara Municipal de Bragança.

Ainda durante a campanha de trabalhos arqueológicos, foi arrolada outra estela funerária (n.º 576), na sequência do testemunho de um particular, que relatou à equipa a existência de uma inscrição guardada em Bragança, mas achada em Castro de Avelãs, reaproveitada em parede de uma casa desta

¹ A. REDENTOR, s. u. Zoelas, in J. ALARCÃO, M. J. BARROCA (coord.), *Dicionário da Arqueologia Portuguesa*, Porto: Figueirinhas, 2012, pp. 356-357.

aldeia². Relaciona-se certamente com a Torre Velha, apesar de não serem conhecidas as circunstâncias que levaram ao seu reaproveitamento.

Um pequeno fragmento sem inscrição, correspondente a uma cabeceira de estela funerária (n.º 577), havia já sido identificado por um dos signatários [C. A.] no pátio de uma casa da aldeia, no decurso de 2005. Havia sido descoberto no ano anterior, aquando da abertura de uma vala no interior da própria aldeia de Castro de Avelãs, na rua de São Bento. Encontra-se ainda em posse particular, nos anexos da mesma casa³.

Ao todo, apresentam-se, portanto, quatro novos testemunhos epigráficos procedentes de Castro de Avelãs.

574

Ara funerária de *Celer Licini*

Ara funerária ([55,5] x 25,5 x 14,5) de granito, de formato prismático, grosso modo paralelepípedo, por não apresentar dimensionamento diferenciado entre o capitel (10,1/9,6 x 25,5 x 14,5), o fuste ([44,7/36,5] x 23,7 x 13,6) e, possivelmente, a base. Não é asseverável que esta se cingiria ao prolongamento do fuste, pelo facto de a peça estar fracturada na parte inferior. O cimásio é composto por *foculus* circular relevado, encaixado entre esboços de fastigia de perfil arredondado, moldados nas faces anterior e posterior, e flanqueado por par de *puluilli* pouco desenvolvidos e, presentemente, com as extremidades esboroadas. A faixa que medeia entre a base destes elementos estruturais (*puluilli* e *fastigia*), balizada na face anterior por sulco, e as linhas auxiliares, que enquadram o texto neste mesmo lado, constitui discreta cornija, apenas aqui assinalada. As distintas superfícies do suporte acusam desagregação granular, que se vislumbra igualmente ao longo das arestas.

² Agradecemos ao Sr. Eduardo Silvino Fernandes a informação prestada sobre a existência desta inscrição. A Sr. João Rodrigues, que a guarda na sua residência em Bragança (sita na rua Manuel Correia, n.º 2, no Bairro do Campelo), agradecemos penhoradamente a possibilidade oferecida para o estudo da peça.

³ A propriedade é pertença do Sr. Fernando Rua, encontrando-se actualmente ao cuidado dos seus herdeiros. A peça foi por ele recolhida na altura da sua descoberta, agradecendo-se as facilidades concedidas para o seu estudo.

CELER / LICINI / A(nnis) V(ixit) · LVI

Céler, de Licino, viveu 56 anos.

Altura das letras: l. 1: 3,2/3,6; l. 2: 3,6/4 (3.º I = 3,4); l. 3: 3,6/4,1. Margens (sup. / inf. / esq. / dir.): 0; 22,4/31; 1,1/1,3; 3,3/3,9. Espaços: 1: 0,6/1; 2: 0,6/1,1.

A inscrição ocupa a face anterior do fuste (14,8x22,9), dividida por três regras delimitadas por quatro linhas auxiliares horizontais profundamente gravadas, criando artifício estético que acentua o sector medial do suporte. O texto foi alinhado à esquerda e as capitais comuns, salvo contadas exceções, desenvolvem-se a toda a altura dos espaços criados pelas linhas auxiliares. O grão médio a grosso do granito impôs claros constrangimentos à gravação, bem evidenciados, por exemplo, pela necessidade de alargar o último espaço interliteral da primeira e segunda linhas ou mesmo pela opção em gravar com II os EE. Neste sentido, é também de destacar o desenho dos LL, de haste ligeiramente inclinada para a frente e barra vincadamente descendente, e dos CC, de curvatura tendencialmente fechada. O R que finaliza a l. 1 apresenta haste ligeiramente côncava, pança contida e perna encurvada; ao N da intermédia caracteriza-o ligeira inclinação para a frente; e aos VV da última uma idêntica inclinação das hastes, claramente separadas uma da outra. Nesta, a letra inicial, correspondente a um A sem travessão conserva-se incompletamente devido ao esboroamento do suporte, restando apenas vestígios da haste direita.

O conteúdo gravado corresponde ao epitáfio de defunto com estatuto jurídico peregrino, falecido aos 56 anos. Tanto o seu idiónimo, *Celer*, como o patronímico, *Licinus*, são antropónimos latinos. A representação hispânica do idiónimo é forte, seja nesta função, seja como cognome⁴, sobretudo na Lusitânia⁵.

⁴ J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia – [Madrid], Universidad, Secretariado de Publicaciones – Universidad Complutense, 1994 (Arqueología; 1. Anejos de Antigüedad y Cristianismo; 2), pp. 322-323.

⁵ Para este âmbito territorial específico, GRUPO MÉRIDA, *Atlas antroponímico*

Tem, todavia, representação em *Asturica Augusta*⁶, *Legio*⁷ e nas proximidades de *Aquae Flaviae*⁸, ainda que não constasse no território que se vem atribuindo aos Zoelas. Quanto ao nome do pai, apesar de se perceber ser antropónimo menos frequente⁹, tem já comprovação no âmbito territorial zoela, documentado, também como patronímico, numa inscrição aparecida nos Quatro Caminhos, no lado norte da cidade de Bragança¹⁰, e, ainda, numa outra de Duas Igrejas¹¹. É de realçar que, do ponto de vista semântico, detém significado próximo ao do popular nome indígena *Reburrus*¹², aspecto que poderá justificar o seu aparente sucesso neste contexto geográfico – no qual este último nome também ocorre¹³ – em resultado de um mecanismo de tradução. O modo de menção da idade e o próprio tipo de suporte indiciam cronologia posterior aos inícios do século II, ainda que o facto de se utilizar o nominativo na identificação do defunto possa centrar nesta centúria o monumento.

de la Lusitania romana, Mérida – Bordéus, Fundación de Estudios Romanos – Ausonius Éditions, 2003, pp. 138-139, mapa 85.

⁶ CIL II 2639 + ERPL 148, integrando nomenclatura de um brácaro, veterano da *legio II Adiutrix* [E. HÜBNER, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berolini, Georgium Reimerum, 1869 (*Corpus Inscriptionum Latinarum*; 2); Id., *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum*. Berolini, Georgium Reimerum, 1892 (*Corpus Inscriptionum Latinarum*; 2) = CIL II; M. A. RABANAL ALONSO, S. M. GARCÍA MARTÍNEZ, *Epigrafía romana de la provincia de León: revisión y actualización*. León, Universidad, 2001 = ERPL]

⁷ ERPL 182.

⁸ CIL II 2609. Esta inscrição é erroneamente reportada a Castro de Avelãs por J. M. ABASCAL, *op. cit.* (nota 4), p. 322.

⁹ J. M. ABASCAL, *op. cit.* (nota 4), p. 400.

¹⁰ AE 1982, 573 = ERRB 41 [*L'Année Épigraphique*, Paris, Presses Universitaires de France = AE; A. REDENTOR, *Epigrafía romana da região de Bragança*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002 = ERRB].

¹¹ A. M. MOURINHO, «Epigrafía latina de entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal – 1947», *Brigantia*, 6 (1-3), 1986, p. 33, n.º 24.

¹² I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinki, Helsingfors, 1965 (*Commentationes Humanarum Litterarum. Societas Scientiarum Fennica*; 36. 2), p. 236.

¹³ J. M. ABASCAL, *op. cit.* (nota 4), pp. 480-482; J. M. VALLEJO, *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria-Gasteiz, Servicio Editorial, Universidad del País Vasco, 2005 (Anejos de *Veleia*. Series minor; 23), pp. 384-388.

© A. Redentor



574

Fragmento de estela funerária dupla

Fragmento de estela funerária dupla ([56,7] x [46,1] x 12), de granito, da qual parcialmente se conservam os campos epigráficos, decerto correspondentes à secção medial da face anterior deste suporte, e uma parte da metade esquerda do registo que lhes subjaz. Esta fracção do suporte encontra-se superiormente recortada em arco e com fractura diagonal em baixo, permanecendo intacta, no que respeita às faces laterais, apenas uma parte da do lado esquerdo.

As cartelas, rebaixadas e de formato rectangular verticalizado ([24,5] x [23] e [20,7] x [11,8]), estão separadas por banda com sulco central, à semelhança do que se verifica no rebordo da estela que as delimita lateralmente, bem como aos motivos que integram a ornamentação do registo inferior, constituída por representação de arcaria e iconografia astral. Alinhado com o lado exterior da cartela da esquerda, arco de volta redonda rebaixado, havendo, ainda, vestígios de um outro mais ou menos coincidente com o eixo central da face da estela, presumindo-se uma composição de três vãos. Sobre esta, figuraria par de semicírculos incisos equivalendo a representações de crescentes de pontas voltadas para cima, em posição interpolada com os vãos, conforme exemplifica o que se preserva na metade esquerda. Em face do conhecimento disponível sobre a tipologia das estelas funerárias da região¹⁴, é muitíssimo provável que o registo das cabeceiras, imediato ao limite superior das cartelas, fosse marcado por motivos de temática astral (roda de raios curvos e esquadros).

a)

[D(is) M(anibus)]? / [C]AIN(oni) / MAX(imi?) /
AN(norum) · LX / ⁵ S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

*Aos deuses Manes (?). A Cenão, de Máximo (?), de 60 anos.
Que a terra te seja leve.*

¹⁴ Cf. A. REDENTOR, *op. cit.* (nota 10), pp. 196-205.

Altura das letras: l. 1: 5/5,1; l. 2: 4,7/5; l. 3: 5/5,1; l. 4: 4,8/5 (S = 5,8). Margens (sup. / inf. / esq. / dir.): -; 0,9/1,6; 0,8/1,9; 2,2/2,7. Espaços: 1: 0,2/0,9; 2: 0,2/1,1; 3: 0,3/0,4.

b)

[D(is) M(anibus)]? / [---] / LV[C.(---i)] / AN(norum)
[...]/⁵ S(it) · [T(ibi) · T(erra) · L(euis)]

*Aos deuses Manes (?). A [---], de Luc[---], de [---] anos.
Que a terra te seja leve.*

Altura das letras: l. 1: 4,9; l. 2: 4,1/4,5. Margens (sup. / inf. / esq. / dir.): -; 0,3; 1,2; 1,9. Espaços: 1: 0,4/0,6; 2: 0,4.

Os dois epitáfios encontram-se incompletos, estimando-se que originalmente existissem cinco linhas de texto em cada cartela, conforme se depreende do registo conservado na da esquerda, bem como do seu formato, uma vez que na da direita apenas resta menos de meia dúzia de letras. A paginação realizada em cada uma delas terá seguido um alinhamento à esquerda, como parece verificar-se na cartela da esquerda. Em ambas, os caracteres correspondem a capitais comuns, mas o seu desenho não prima pela regularidade. Verifica-se que os AA são desprovidos de travessão e que o seu desenho serve de base ao traçado do M e dos NN, estes com haste direita inclinada para a frente; as barras dos LL apresentam largura variável e as hastes nem sempre lhes são exactamente perpendiculares; as barras dos TT são perpendiculares às hastes, mas não centradas; os SS afiguram-se esguios e o V largo, sendo os XX bem proporcionados. Utilização de pontuação redonda na separação das siglas que compõem a fórmula que remata cada um dos epitáfios: S. T. T. L. Possivelmente, também ambos os textos estariam encabeçados pela consagração aos deuses Manes, em sigla.

No epitáfio que se conserva mais íntegro, identifica-se defunto, de estatuto, plausivelmente, peregrino, falecido com 60 anos: *Caino*, o qual, contrariamente ao pai, supostamente

Maximus – ainda que a abreviatura possa encobrir forma antroponímica afim –, ostenta nome de origem indígena. O estado de conservação da cartela do lado direito não permite a restituição do nome do defunto, nem da idade de falecimento.

O formulário empregue permite considerar a estela datável do século II ou inícios do III, mas não posteriormente, ponderando o muito provável estatuto jurídico peregrino dos defuntos, apesar da abreviatura dos antropónimos. Este convencimento baseia-se no facto de a abreviatura da primeira forma antroponímica do texto mais completo facilmente se enquadrar com um antropónimo indígena tipicamente lusitano com representação no âmbito regional¹⁵, ainda que a grafia em -i-, claramente atestada no interior da Lusitânia, seja inédita a norte do Douro. No Ocidente zamorano, documenta-se a forma *Caeno* em Carbajales de Alba¹⁶, El Campillo¹⁷ e Villardiegua de la Ribera¹⁸, havendo um testemunho na região bragançana, em Varge¹⁹. Concomitantemente, resulta menos evidente um eventual desdobramento em função de um gentílico, ainda que se reconheça a existência do *nomen* latino *Caenius*²⁰, aparentemente indocumentado na Hispânia²¹. O antropónimo

¹⁵ J. M. ABASCAL, *op. cit.* (nota 4), pp. 308-309; J. UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania antigua*, Madrid, CSIC, Instituto Español de Prehistoria [etc.], 1965 (Bibliotheca praehistorica Hispana; 7), pp. 79-80, mapa 22; GRUPO MÉRIDA, *op. cit.* (nota 5), pp. 125-126, mapa 65; J. M. VALLEJO, *op. cit.* (nota 13), pp. 238-242.

¹⁶ *AE* 1977, 491.

¹⁷ *AE* 1941, 18.

¹⁸ *HEp* 18, 494 [*Hispania Epigraphica*, Madrid, Universidad Complutense = *HEp*].

¹⁹ *ERRB* 58.

²⁰ H. SOLIN, O. SALOMIES, *Repertorium nominum gentilicium et cognominum Latinorum*, Hildesheim [etc.], Olms, 1988 (Alpha-Omega: Lexika, Indizes, Konkordanzen zur klassischen Philologie, Reihe A; 80), p. 40.

²¹ *OPEL* 2: 18 [B. Lőrincz, *Onomasticon Prouinciarum Europae Latinarum* 2: *Cabalicius – Ixus*, Wien, Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie, 1999 = *OPEL* 2]; J. M. ABASCAL, *op. cit.* (nota 4). Recente revisão de um altar dedicado às *Nymphae* (*CIL* II 2457a e 5572a + A. REDENTOR, *A cultura epigráfica no conuentus Bracaraugustanus: percursos pela sociedade brácara da época romana*, Coimbra, Faculdade de Letras, 2011 [Tese de Doutoramento], vol. 2, pp. 83-84, n.º 106), associado à estância termal de Caldelas, Vila Verde,

latino que, dubitativamente, se sugere para o patronímico é dos mais difundidos na Hispânia²².



© A. Redentor

575

admite a documentação de um gentílico *Caenius*, ainda que considerando ser resultado de mecanismo de formação patronímica, relacionando-o, assim, com a forma idionímica indígena, conforme proposta de A. REDENTOR, *op. cit.* (nota 21), vol. 1, p. 98.

²² J. M. ABASCAL, *op. cit.* (nota 4), pp. 422-423, verificando-se que, conjuntamente com a forma feminina, ocupa, neste arrolamento, a quarta posição em termos de frequência de cognomes e nomes únicos.

Estela funerária de *Tritia Magatouti f.*

Estela funerária ([67] x 33 x 11), de granito, de cabeceira semicircular e estrutura ornamental tripartida, incompleta na parte basal.

A cabeceira é preenchida por roda de seis raios curvos de orientação sinistrorsa e orifício central, esculpida em relevo plano, sendo, superior e lateralmente, enquadrada pelo rebordo perimetral, que se encontra amplamente lascado no lado esquerdo e bastante desfeito no topo. Pela parte inferior, o motivo astral é flanqueado por dois emblemas angulosos em forma de esquadro. Subjaz-lhe a cartela rectangular horizontalizada, em rebaixe, a que se segue, completando a organização ornamental, representação, incompleta, de par de vãos, de conformação degenerada em forma de palmatória. A aresta do lado direito apresenta alguma degradação e uma fissura vertical extensa fragiliza a parte esquerda da peça, entre o campo epigráfico e a fractura inferior.

D(is) M(anibus) / TRITIAE / MAGATOV/TI · F(iliae) ·
AN(norum) · IX / ^sS(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

*A Trícia, filha de Magatouto, de 9 anos.
Que a terra te seja leve.*

Altura das letras: l. 1: 4,3; l. 2: 4,2; l. 3: 4; l. 4: 4,5; l. 5: 6. Margens (sup. / inf. / esq. / dir.): 0/0,5; 1,3/2; 0/0,8; 0/0,6. Espaços: 1: 0,2; 2: 0,8; 3: 1,1; 4: 2,3.

Trata-se de epitáfio de uma menina de nove anos. Tanto a fórmula de abertura, como a de clausura, foram gravadas no exterior do campo epigráfico (24,5x17): no espaço que medeia entre os emblemas angulosos que fecham a ornamentação da cabeceira, a consagração aos Manes; na parte superior do registo basal, com as três primeiras siglas entre os dois vãos aí representados e a sigla final separada, depois do da direita, a fórmula S. T. T. L. As três linhas de texto que a cartela acolhe apresentam paginação com alinhamento simultâneo à esquerda e à direita. Na separação de palavras, siglas e números recorreu-se a pontuação redonda. Os caracteres correspondem a capitais

comuns, de desenho não totalmente regular e denotando alguma tendência para o alongamento: AA providos de travessão, mas de largura variável de linha para linha; MM seguindo o mesmo padrão, pelo que o vértice central desce ao nível das extremidades inferiores das hastes externas; TT de barras rectas e bem proporcionadas, embora na linha final se afigurem mais atrofiadas; tanto o E como o F apresentam ligeira inclinação para diante e barras curtas, de largura idêntica entre si; D reduzido à pança; R de pança pequena e perna recta; G esguio e com a perna a travar a extremidade da curvatura; O ovalado; N estreito; S esguio, com a curvatura superior mais distendida; L de barra curta e perfeitamente perpendicular relativamente à haste.

A antroponímia associada à nomenclatura da defunta, de estatuto peregrino, é indígena, sendo que o patronímico constitui um hápax. *Tritia* é nome bastante bem representado na Astúria meridional, onde se incluem as terras transmontananas do Nordeste, sendo integrável no repertório lusitano-ástur²³. Na região bragançana, já se encontra documentado em Donai²⁴, sendo mais expressiva a representação da forma masculina²⁵. A sua base etimológica remonta à forma indo-europeia **trei-* “três”²⁶, também repercutida na antroponímia gálica²⁷.

Também o patronímico, que se afigura como nome composto, atrai ressonâncias gálicas. É que a base *Tout-* está bastante difundida na onomástica e no léxico comum da Gália²⁸, mas tem

²³ M. L. ALBERTOS, *La onomástica personal primitiva de Hispania: Tarracense y Bética*, Salamanca, Consejo Superior de Investigaciones Científicas [etc.], 1966 (Theses et studia philologica salmanticensia; 13), pp. 233-234 e mapa 8. J. M. VALLEJO, *op. cit.* (nota 13), p. 435.

²⁴ *ERRB* 84.

²⁵ *ERRB* 27, 48, 50 e 52. Refira-se ainda *ERRB* 85, que incompletamente regista o nome, não sendo possível a determinação do género.

²⁶ J. POKORNY, *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*, Bern-München, Francke Verlag, 1959, p. 1090.

²⁷ D. E. EVANS, *Gaulish Personal Names: a Study of some Continental Celtic Formations*, Oxford, Clarendon Press, 1967, pp. 378-380; X. DELAMARRE, *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*, Paris, Errance, 2003 (Collection des Hespérides), p. 303.

²⁸ D. E. EVANS, *op. cit.* (nota 27), p. 266-269; X. DELAMARRE, *op. cit.* (nota 27), p. 295.

© P. C. Carvalho



576

igualmente evidência na área lusitano-ástur²⁹, e a investigação admite a sua relação com o indo-europeu **teu-* “inchar”³⁰, de cuja ampliação resulta **teuta* “povo”³¹. A primeira parte do nome, verosimilmente *Magatoutus*, examinando o elenco de nomes compostos com aquele elemento, parece alinhar-se com a antroponímia hispânica de base *Mag-* / *Mac-*, eventualmente procedente de **még-h₂-* / **mag-* “grande”³², com consistente incidência no extremo do Nordeste lusitano e no Sul da Astúria, como *Macanus/-a* e *Maganus/-a*³³.

Considerando o estatuto jurídico da defunta e o facto de o seu nome surgir em dativo, associado à consagração aos Manes e à fórmula final S. T. T. L., bem como a paleografia, a inscrição será datável do século II ou início do século III.

577

Cabeceira de estela funerária

Fragmento de estela funerária ([54] x 52 x 20) de granito. Corresponde a cabeceira semicircular, cujo topo se encontra fracturado, afectando o principal motivo decorativo que acolhe: uma roda de treze raios curvos de orientação dextrorsa incerta em círculo lavrada em relevo plano. Seguindo a mesma técnica de execução, em posição subalterna, par de emblemas angulosos em forma de esquadro de extremidades bifidas, mais ou menos alinhados com o motivo astral e flanqueando tridente inciso, posicionado no eixo central da face da estela. Abaixo, conserva-se resquício da parte superior do campo epigráfico ([5,5] x [20]), em rebaixe.

Apesar de não permanecer qualquer vestígio da inscrição que se lhe associaria, é possível inferir o carácter funerário da peça, tanto pelo tipo de monumento, como pela ornamentação.

²⁹ M. L. ALBERTOS, *op. cit.* (nota 23), pp. 232-233; J. M. VALLEJO, *op. cit.* (nota 13), pp. 429-430.

³⁰ J. POKORNY, *op. cit.* (nota 26), p. 1080.

³¹ J. POKORNY, *op. cit.* (nota 26), p. 1084.

³² J. POKORNY, *op. cit.* (nota 26), p. 709.

³³ M. L. ALBERTOS, *op. cit.* (nota 23), p. 141; J. M. VALLEJO, *op. cit.* (nota 13), pp. 337-341.

Os elementos decorativos da cabeceira, mormente a roda de raios curvos em associação a emblemas angulosos e o tridente, indiciam a possibilidade de ter pertencido a suporte integrável no grupo VI da tipologia de estelas funerárias ensaiada em ERRB³⁴, com esquema decorativo tripartido, no qual a cabeceira não surge individualizada por superfície rebaixada, e que se completaria com campo epigráfico quadrilateral e por representação de arcaria no inferior.

Pelo facto de o tridente andar associado a emblemas angulosos e inclusive a crescentes equaciona-se ter tido um simbolismo relacionado com o mundo cósmico³⁵.

Considerando a possibilidade de inserção tipológica anteriormente comentada, enquadrar-se-ia nos séculos II-III.

ARMANDO REDENTOR
CLARA ANDRÉ
MIGUEL CIPRIANO COSTA
PEDRO C. CARVALHO
SOFIA TERESO



© A. Redentor

577

³⁴ A. REDENTOR, *op. cit.* (nota 10), pp. 199-205.

³⁵ A. REDENTOR, *op. cit.* (nota 10), pp. 242-243.